



CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: PANORAMAS SOBRE A RELAÇÃO DO PORTUGUÊS COM LÍNGUAS DE CONTATO

LINGUISTIC BELIEFS AND ATTITUDES: PANORAMAS ON THE RELATIONSHIP OF PORTUGUESE WITH CONTACT LANGUAGES

Maria Siliane de Andrade Carpes Palhano da Silva (PPGL-UNIOESTE)¹
silyutf@gmail.com

Sanimar Busse (UNIOESTE)²
sani_mar@yahoo.com.br

RESUMO: Neste artigo pretendemos refletir sobre a relação do português com línguas de contato que mobilizam a estigmatização, o prestígio ou desprestígio linguístico, na medida em que cada informante assume posições diferenciadas sobre a sua fala e a fala do outro. Norteiam este trabalho os pressupostos teóricos metodológicos focados nos estudos das crenças e atitudes linguísticas: Lambert; Lambert (1975), Goffman (1988), Labov (2008), Aguilera (2008) e Botassini (2013). Os dados foram coletados de pesquisas realizadas em Dissertações e Teses a partir do Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato (SELLA; AGUILERA, 2009), com intuito de verificar se a relação do português com línguas de contato no que se refere à estigmatização e/ou a preconceitos entre os falantes. Como resultados percebeu-se que estudos acerca de crenças e atitudes se encarregam por buscar entender como a linguagem está funcionando na comunidade, verificando os fatores que condicionam os comportamentos linguísticos, que ora podem ser positivos ou negativos, também como os informantes respondem a tais avaliações quanto ao uso da linguagem. Nesse palco se faz primordial compreender que a língua, tomada na sua dimensão social, passa por modificações no tempo e no espaço, pois cada comunidade de fala registra variantes linguísticas distintas, conforme Labov (1976). Nesse sentido, investigar crenças e atitudes em determinada comunidade é um tanto complexo e não fácil de esgotar todas as possibilidades de análises, refletindo que há distintos motivos que acomodam essas ações e são resultantes da interação entre diversos fatores, tais como personalidade, cultura, experiências pessoais, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Crenças e atitudes linguísticas. Estigmas.

ABSTRACT: In this article we intend to reflect on the relationship of Portuguese with contact languages that mobilize stigmatization, prestige or linguistic disrepute, as each informant assumes different positions on his speech and the speech of the other. This work guides the methodological theoretical assumptions focused on the study of linguistic beliefs and attitudes: Lambert; Lambert (1975), Goffman (1988), Labov (2008), Aguilera (2008) and Botassini (2013). Data were collected from research carried out in Dissertations and Theses based on the Linguistic Beliefs and Attitudes Project: a study of the relationship between Portuguese and contact languages (SELLA; AGUILERA, 2009), in order to verify whether the relationship between Portuguese and languages contact regarding stigmatization and / or prejudice among speakers. As a result, it was noticed that studies on beliefs and attitudes are in charge of trying to understand how language is working in the community, verifying the factors that condition linguistic behaviors, which can now be positive or negative, as well as how respondents respond to such assessments regarding to the

¹ Unioeste – Universidade do Oeste do Paraná. Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem. Cascavel- Pr.

² Unioeste – Universidade do Oeste do Paraná. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado e Doutorado em Letras da Universidade do Oeste do Paraná.



use of language. On this stage, it is essential to understand that language, taken in its social dimension, undergoes changes in time and space, as each speech community registers different linguistic variants, according to Labov (1976). In this sense, investigating beliefs and attitudes in a given community is somewhat complex and not easy to exhaust all the possibilities of analysis, reflecting that there are different reasons that condition these actions and are the result of the interaction between several factors, such as personality, culture, experiences personal data, among others.

KEYWORDS: Linguistic Variation. Linguistic Beliefs and Attitudes. Stigmas.

PALAVRAS INICIAIS

Compreender como a linguagem é organizada e como produz sentido para o falante no meio que o circunda, denota que realizaremos um trabalho minucioso em que é necessário observar o comportamento linguístico na comunidade de fala específica, uma vez que o português brasileiro é marcado mediante traços linguísticos de diferentes línguas e falares dos povos e grupos que formam o Brasil. Esse multilinguismo revela uma composição social e geográfica da língua.

Neste artigo pretendemos lançar um olhar minudente a respeito de estudos sobre crenças e atitudes, inferindo que as pesquisas sobre variação e mudança linguística buscam, a partir da descrição dos fenômenos linguísticos, identificar estigmas e comportamentos que denotam a lealdade e deslealdade linguística, prestígio e preconceitos linguísticos, uma vez que a linguagem além de fazer parte da identidade do falante, é um elemento essencial podendo até mesmo integrá-lo, valorizá-lo, discriminá-lo ou elevá-lo socialmente. Considerando que a língua é um elemento que pode se adequar no sentido de expressar acontecimentos sociais, como os de ordem política, cultural e histórica, de forma que ela se transforma junto à sociedade, representando-a. Assim, podemos dizer que a sociedade nesse processo há a necessidade da língua se adaptar a tais mudanças, pois os sujeitos que a integram mudam seus objetivos, suas perspectivas e procuram acompanhar as mudanças apresentadas pelos falantes, de maneira que estas refletem na língua em uso.

A partir de estudos e análises sobre variação e mudança linguística, compreendemos que a própria eleição das variáveis sociais na seleção dos informantes, direciona para a descrição de comportamentos linguísticos que atuam sobre a inovação e



a manutenção linguística, cabendo à Sociolinguística, especificamente a uma de suas ramificações: crenças e atitudes linguísticas, estudar esses fatos atitudinais e examinar o impacto determinante que eles produzem na língua, isto é, na mudança linguística. Nesse sentido, os primeiros estudos foram orientados pela Psicologia Social, em que estas pesquisas não tinham como primeiro objeto a análise de atitudes, porém contemplavam especificamente a área linguística. Podemos apontar os Psicólogos Sociais Lambert e Lambert (1966), como percussores da introdução da linguagem.

Para entender como as crenças e atitudes são colocadas frente a determinadas variedades linguísticas, cabe realizar um estudo a partir do que os pesquisadores/teóricos colocam sobre o tema, pautando-se em pesquisas já realizadas e levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos que entram em jogo nessa forma de ver o uso da linguagem na comunidade de fala, no intuito de tentar compreender as crenças e atitudes que mobilizam aquele grupo, direcionando também o uso e a recolha da linguagem na localidade. As condições que remetem à utilização da língua em distintas comunidades de fala podem dar indícios sobre o status das formas linguísticas.

De acordo com López Morales (2004), é preciso determinar até que ponto a atitude expressa por um indivíduo está simplesmente relacionada a fenômenos linguísticos específicos ou em que medida ela é, na verdade, uma atitude de valorização aos usuários de determinado grupo social. Este é, e deve ser sempre um cuidado necessário, uma vez que a maneira com que a linguagem está organizada em determinado grupo, vai depender de fatores linguísticos e extralinguísticos partilhados pelos indivíduos.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: em primeiro lugar apresentamos um estudo sobre crenças e atitudes e seus conceitos fundamentais. A temática está de acordo com as inquições dos estudiosos Lambert e Lambert (1966), Moreno Fernández (1998), Lopez Morales (2004), Aguilera (2008), que nos situam historicamente sobre as ocorrências linguísticas nas comunidades de fala, no sentido de tornar-nos atentos a observar e investigar a linguagem, no que concerne prestígio e desprestígio, lealdade e deslealdade linguística, denotando as crenças e atitudes mobilizadas pelos informantes.

A seguir, faremos um levantamento de resultados com base em pesquisas realizadas em distintas regiões do Sul do Brasil, as quais fazem parte do Projeto de



Pesquisa Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato (Projeto CAL), sob coordenação de Aguilera e Sella, de 2008 a 2009, em uma parceria entre pesquisadores das Universidades Estaduais do Oeste do Paraná/Unioeste, de Londrina/UEL, de Ponta Grossa/UEPG e de Maringá/UEM.

O objetivo do Projeto CAL consistia em integrar pesquisadores das instituições parceiras com o propósito de realizar pesquisas voltadas às crenças e atitudes linguísticas da relação do português com línguas em contato no Paraná. Os municípios de Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Irati e Ponta Grossa, compõem a rede de pontos, pois registram o contato do português com línguas hispânicas, devido à localização na fronteira com Argentina e Paraguai, e europeias pelo povoamento de grupos sulistas.

Para finalizar, discutimos questões observadas durante toda a construção deste trabalho, abordando que este tema é muito vasto e precisa ser cada vez mais explorado, em que as investigações permitem aos estudiosos compreenderem como os falantes se veem e se sentem em relação aos demais, isso faz com que a obtenção de dados nos mostre que as mudanças e variações da língua são incontestáveis e que há uma fusão entre língua e sociedade.

2 CRENÇAS E ATITUDES: CENÁRIOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua, na sua dimensão social, passa ao longo do tempo por mudanças necessárias, pois ela não é estática. As pesquisas sobre variação e mudança linguística não são recentes, visto que estudiosos como Labov, que por volta de 1960 realizou estudos em comunidades tais como a Ilha de Martha's Vineyard sobre a variação linguística daquela localidade. Dessa maneira, o estudioso já nos alertava sobre a necessidade e a importância de reflexões nessa área, esclarecendo que a língua apresenta variações no tempo e espaço, buscando compreender como a fala se organiza nas comunidades e como é vista e avaliada pelos informantes, de forma a perceber as relações que marcam linguisticamente. bem como as atitudes que denotam o modo com que os membros manifestam seu pensamento frente aos demais.



Lambert e Lambert (1966) destacam que estudos atitudinais podem ser aplicáveis em várias áreas do conhecimento, como atitudes e julgamentos sociais, atitudes e reação a dores, atitudes e aprendizagem, atitudes e produtividade no trabalho, atitudes e personalidade. Segundo os autores,

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação às pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir” (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77-78).

De acordo com o exposto, desenvolvemos nossas atitudes levando em conta a necessidade de ajustamento social, só podemos dizer que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram, de certa forma, associados. De modo que “os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos” (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 78). Assim, os pensamentos que mobilizamos com base na observação da sociedade, dos acontecimentos daquele meio, fundamentam a manifestação de nossas crenças e sentimentos e nos auxiliam no processo de integração.

Ainda, em conformidade com Lambert e Lambert (1966),

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 83).

Ao manifestar a atitude, a exteriorização não se dá de maneira imparcial, já que podemos escolher o grupo ao qual queremos nos relacionar com suporte na linguagem, ou até mesmo do comportamento que o indivíduo apresenta, ou seja, fazemos escolhas e dependendo da forma que essas são demonstradas, podem ser consideradas excludentes. Assim, se determinado indivíduo utiliza uma forma de comunicação a qual não está de acordo com a linguagem de prestígio e os sujeitos que o rodeiam escolhem por não manter



uma relação com esse falante, por esse fato, concluímos que a atitude desses indivíduos se manifesta como “excludente,” escolhendo com quem se socializa, tendo a linguagem como parâmetro.

Para Aguilera (2008), “[...] a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro” (AGUILERA, 2008, p. 105). A atitude é, portanto, o que difere um ser do outro, faz parte da identidade, é própria da cultura que o mesmo está inserido, dessa forma a língua utilizada pode sim apresentar variações, uma vez que esse elemento está ligado a fatores internos e externos, constituintes do ser humano, dentre eles aspectos sociais, econômicos, culturais.

Segundo Coseriu (1987), todo sujeito necessita, de alguma maneira, dominar uma língua a fim de integrar-se ativamente ao sistema social, constituindo assim, sua identidade “[...] como pertencente a uma comunidade determinada historicamente, ou, pelo menos, como alguém que assume temporariamente a tradição idiomática desta ou daquela língua (COSERIU, 1987, p. 19). Para Silva e Aguilera (2014),

Essa relação complexa e inerente entre língua, sociedade e identidade provoca nos falantes posicionamentos frente à língua ou à variedade linguística e, conseqüentemente, aos usuários destas. Desse modo, os indivíduos desencadeiam atitudes movidas pelas crenças linguísticas impregnadas, ao longo do tempo pela sociedade, na língua e nos dialetos, manifestando, assim, atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outras (SILVA; AGUILERA, 2014, p. 705).

A mudança linguística pode estar relacionada ao processo de modificação sociocultural de um povo, aos acontecimentos de natureza política e social, como mencionado por López Morales (2004), o principal problema está em determinar até que ponto a atitude expressa por um indivíduo está simplesmente relacionada a fenômenos linguísticos específicos ou em que medida ela é, na verdade, uma atitude de valorização aos usuários de determinado grupo social, pois a linguagem carrega um histórico que vai além do simples falar. Assim, cada sujeito pode apresentar um dialeto diferenciado em



que a construção histórica do mesmo é um fator relevante para definir a linguagem, em que havendo avaliação, estará gerando estímulo à discriminação linguística.

Para exemplificar o exposto acima, seguindo as considerações de Lambert e Lambert (1966), as atitudes desempenham uma função essencial na determinação de nosso comportamento; como já mencionado elas afetam nossos julgamentos e percepções sobre os outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos.

Desenvolvemos nossas atitudes por uma necessidade de enfrentamento e ajustamento social, em que nas primeiras fases de desenvolvimento, seus componentes não estão totalmente desenvolvidos, por isso pode até sofrer modificações de acordo com as necessidades de interação do indivíduo, o mesmo não ocorre com o passar do tempo em que cada sujeito deixa que as atitudes se enraízem de modo que a mudança não é aceita em qualquer circunstância. Lambert e Lambert (1966), esclarecem:

Mais tarde, porém, sua organização pode se tornar inflexível e estereotipada, especialmente para aquelas pessoas que foram encorajadas, no decurso de grandes períodos de tempo, a reagir segundo processos padronizados “ou aceitáveis” a determinados acontecimentos e grupos. (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 78).

Diante disso, quando as atitudes se tornam fixas, inabaláveis, imutáveis, o indivíduo estará pronto para classificar o outro de acordo com seus padrões e modo de pensar e agir, esquecendo que cada ser social traz consigo sua concepção de linguagem, sua leitura de mundo de acordo com as experiências vivenciadas. Assim, as atitudes podem atuar sobre a construção de prestígios, desprestígios ou até mesmo a estigmas linguísticos.

Conforme destacam Lambert e Lambert (1966), “Aquelas atitudes desenvolvidas em casa, no seio da família, ou através das primeiras experiências em grupo são particularmente importantes na formação da estrutura de um complexo de atitudes e resistem bastante a modificação”. (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 97). As atitudes são oferecidas desde que nascemos pelo grupo que se encontra mais próximo, nos orienta a



ter determinada atitude perante as situações, também através de relações que mantemos ao longo de nossa formação, isto não requer dizer que tais comportamentos estão corretos ou não, porém denota que são aquelas as atitudes que o grupo a qual estamos inseridos acredita ser coerente e por estar há muito tempo na memória se torna difícil modificá-las.

Para Botassini,

A importância dos estudos relativos a crenças e atitudes linguísticas está na possibilidade de compreender e detectar, entre outros aspectos, os fatores de mudança linguísticas os preconceitos linguísticos em relação as variedades linguísticas e aos seus falantes, os quais podem contribuir para a desvalorização de variedades dialetais e por extensão de marcas indenitárias. Isso pode levar algumas pessoas a mudar seu modo de falar deliberadamente, a fim de surgirem origens sociais ou regionais que, na verdade, não possuem. (BOTASSINI, 2010, p. 357).

Conforme o exposto acima, estudar crenças e atitudes linguísticas é de extrema importância, pois assim, passamos a compreender os fatores pelos quais uma comunidade defende o seu falar, sabendo que a língua carrega uma história, e apoiando-se em pesquisas podemos levantar fatores históricos e culturais que determinam o falar dos sujeitos, sendo possível igualmente observar os fatores que mobilizam preconceitos e desvalorização da linguagem, em que muitos mudam sua forma de falar na tentativa de ser integrado naquela comunidade, perdendo assim, parte de sua identidade, conforme já exposto pela autora: “Isso pode levar algumas pessoas a mudar seu modo de falar deliberadamente, a fim de surgirem origens sociais ou regionais que, na verdade, não possuem.”

Para Botassini (2010), se faz necessário estudar as crenças e atitudes, à medida que passamos a compreender o funcionamento da linguagem, bem como as mudanças linguísticas que ocorrem ao longo do tempo, demonstrando que a língua pode apresentar variantes em cada região e que os informantes não precisam mudar seu falar na tentativa de equiparar-se ao seu modo de “conversar” com a do outro, e sim, aprender que as variedades contribuem para formação da identidade de cada região e, conseqüentemente, de cada integrante dessa comunidade.



Seguindo as constatações de Botassini (2013), as inquirições baseadas em crenças e atitudes guiadas pela Sociolinguística permitem a compreensão sobre o funcionamento da linguagem mobilizados por fatores internos e/ou externos, no sentido que a língua apresenta mudanças e variações, sendo possível optar por manter os dialetos aprendidos ou mudá-los de maneira que a manutenção ou mudança não cause preconceito no meio em que o indivíduo está inserido.

Desse modo, sabendo que a língua apresenta variações e os indivíduos têm liberdade em manter o falar de acordo com o dialeto, o qual depende da formação histórica e social, nos cabe estigmatizar o modo de falar de alguém? A língua considerada como heterogênea não deveria ser avaliada como positiva ou negativa, porém, como já mencionado, depende das crenças e atitudes que os integrantes dispõem em relação à maneira de compreender e manifestar a linguagem.

Tomando como base as considerações dos psicólogos sociais, os quais desenvolveram uma série de técnicas sistemáticas para inferir e medir atitudes, (LAMBERT; LAMBERT, 1966), de maneira que as atitudes podem ser compreendidas como a base psicológica, cultural, antropológica, que mobiliza determinados comportamentos linguísticos positivos ou negativos sobre o falante e sua variedade linguística, desencadeando manutenção ou substituição das variantes utilizadas pelo grupo, ocorrendo uma espécie de avaliação que pode gerar estigma.

Nesse sentido, para falar sobre crenças e atitudes temos que aprofundar alguns conceitos, os quais complementam o entendimento no que diz respeito à forma em que os informantes mantêm a linguagem no grupo e como acontece esse processo, pois nem todos compreendem que a língua pode apresentar variações, de maneira a ser considerada heterogênea. Assim, vamos refletir um pouco acerca desses conceitos, na sequência.

2.1 PRESTÍGIO OU DESPRESTÍGIO, ONDE ESTÁ O ESTIGMA?

Quando o falar é julgado ou considerado diferente do usual em que a comunidade está acostumada, causa estranhamento, dessa maneira, aquele falar está sendo estigmatizado. Assim, denota analisar, refletir sobre os fenômenos linguísticos,



considerando que as variedades podem estar sendo vistas/avaliadas como negativa ou não usuais.

Como lidar com essa situação, em que o falar é o meio que conduz a ascensão social, em que “falar bem” faz com que o indivíduo seja integrado naquele espaço social? São questionamentos que devem ser observados com cautela, já que estamos valorizando ou desvalorizando o dialeto de alguém, e isso é feito diversas vezes sem ao menos ser percebido, em que o falar passa a ter prestígio ou desprestígio.

A fala pode estar ligada ao lugar que é ocupado pelo informante, de maneira que um juiz não irá utilizar-se da linguagem igualmente a um trabalhador rural, pois o lugar que o mesmo ocupa denota que tenha cautela quanto ao modo de expressar-se, em que se faz necessário o uso da língua padrão. Sendo assim, haverá variação linguística, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmite ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo. Por isso, faz-se necessário que os sujeitos tenham conhecimento de que estamos rodeados de falares diferenciados, e eles contribuem para que os estudos sobre a linguagem se tornem cada dia mais ricos e necessários.

Sobre o enunciado que denota prestígio e sucesso na sociedade, Botassini (2013) coloca que a língua, considerada padrão e utilizada pelos grupos dominantes, é referenciada como modelo condizendo com a ascensão social, e o uso do dialeto, sotaque, é considerado de baixo prestígio, reduzindo a oportunidade de sucesso na sociedade, em que o seu uso em determinados locais gera preconceito. Ainda, de acordo com a autora, o termo preconceito linguístico é referido como a atitude negativa frente a determinado grupo linguístico sem razão aparente, e geralmente estão voltados para os grupos linguísticos que detêm pouco ou nenhum prestígio social. Esses falares são avaliados por muitos de maneira a representar aversão.

Quando falamos de prestígio e desprestígio linguístico, denota que o uso ou não da linguagem considerada prestigiada desenvolve estigmas quando a linguagem é monitorada pelos falantes, de maneira que de acordo com Goffman (1988), estigma é um “atributo profundamente depreciativo”, de modo que o indivíduo (falante) estigmatizado (imperfeito, inferior) é vítima de preconceitos, de discriminações, de animosidades.



De acordo com Botassini (2013), carregar um estigma linguístico é como carregar uma marca que identifica negativamente o falante, por esse motivo o falante procura esconder, de modo que quando está em um ambiente considerado mais culto tenta “disfarçar” a linguagem que utiliza em seu cotidiano, pois naquele contexto poderá sofrer avaliação, porém não o faz por muito tempo, pois a variedade usual será utilizada naturalmente, já que é inerente à sua identidade linguística.

Há variedades linguísticas que são consideradas como de maior prestígio, essa relevância está ligada a quem a utiliza. De acordo com Aguilera (2008), as atitudes de valorização ou de rejeição às pluralidades da língua em uso são reguladas pelos grupos sociais que possuem maior prestígio social, ou os que são considerados mais altos na escala socioeconômica, os quais ditam em seus discursos quem têm prestígio e *status*. Esses conceitos estão ligados àquelas pessoas que possuem (poder aquisitivo, capacidade intelectual, posição social, entre outros).

De acordo com o Aguilera (2008) e Botassini (2013), é perceptível dizer que a estigmatização da língua está associada aos informantes, pois na maioria das vezes o enunciado que é considerado de maior prestígio está para os que ocupam lugar de *status* na sociedade em que a linguagem considerada padrão é utilizada pelos grupos dominantes, referenciando como modelo a seguir, e o sotaque, o dialeto cotidiano passa a ser entendido como de baixo prestígio, reduzindo até mesmo as oportunidades de acesso às demandas oferecidas pela sociedade.

À medida que refletimos sobre o prestígio e desprestígio recorrentes nas comunidades de fala, também observamos outros elementos, a lealdade e a deslealdade linguística, corroborando para definir algumas atitudes que os falantes tem frente a seu grupo, sendo positivas e/ou negativas, de maneira a aceitar ou desprezar a sua identidade linguística em algumas situações em que o falante vê que precisa incorporar em sua linguagem uma fala mais elaborada ou não. Com isso, pode estar sendo desleal com seu vernáculo, mas não faz isso sempre, como já mencionado, o falante não consegue utilizar uma linguagem que não faz parte de sua identidade linguística o tempo todo. A seguir, compreenderemos melhor como acontece a lealdade e deslealdade.



Lealdade e deslealdade linguística são termos que se opõem no sentido de que um denota que é positivo (lealdade) e outro negativo (deslealdade), e os dois quando colocados na relação linguística são definidos como as atitudes que o falante tem frente a seu grupo linguístico, sendo estas positivas ou negativas. Moreno Fernández (1998) ensina que nas crenças e atitudes existem tanto a lealdade, quanto a deslealdade linguística, sendo termos que se opõem, mas que têm sua origem em um ponto comum que é a atitude do falante frente a seu grupo linguístico.

De acordo com Botassini (2013), a lealdade linguística está vinculada ao orgulho de pertencimento a determinado grupo, de maneira que este orgulho está ligado ao poder e ao *status* vinculado a determinada comunidade, referentes à sua posição social, econômica e/ou cultural.

Sobre a deslealdade linguística, a autora ainda destaca que “na contramão, a deslealdade linguística reporta-se ao sentimento de vergonha, de inferioridade, de insegurança e, em casos mais graves, até de aversão linguística.” (BOTASSINI, 2013, p. 123). A deslealdade acontece quando o falante rejeita sua identidade linguística, a identidade é aquilo que nos faz diferente do outro grupo (cultura, etnia, crenças, etc.), sendo definida de maneira objetiva ou subjetiva (MORENO FERNÁNDEZ, 1998). De modo que somos desleais quando mudamos ao modo de falar para sugerir origens sociais ou regionais que não as possuímos, rejeitando nossa identidade, ou seja, o que intrinsecamente está conectado à nossa origem.

Retomando as constatações de Botassini (2013), a deslealdade é percebida quando o falante vê no grupo ao qual pertence, que a linguagem utilizada pelo mesmo não lhe propicia prestígio, não denota sucesso e não o conduz para a ascensão social. Assim, muda sua forma de falar, porém por demonstrar essa atitude não significa que não considere a língua utilizada pelo seu grupo de origem, porém indica que quer utilizar uma linguagem que demonstre maior prestígio social.

Para exemplificar essa colocação, segundo Appel e Muysken (1996), os membros de grupos sem prestígio social ou de minorias linguísticas têm consciência de que a língua de seu coletivo não lhes serve para alcançar ascensão social; porém o fato de reconhecerem isso e de mostrarem atitudes negativas em relação à sua própria língua não



significa que eles não a tenham em consideração. Diante do exposto, recorreremos a alguns resultados de pesquisas realizadas no Sul do nosso país que esclarecem os falares diferenciados que se estendem por diversas regiões, em que as variações ocorrem a depender de diversos fatores que linguísticos ou extralinguísticos.

3 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: O QUE DIZEM OS DADOS

Os estudos sobre crenças e atitudes têm contribuído muito para a compreensão dos processos de variação linguística, os quais ocorrem concomitantemente nas diversas regiões. Nesse sentido, há pesquisas que se voltam sobre as crenças e atitudes em que pretendemos analisar os traços apontados como estigmatizados pelos informantes, buscando nos resultados das produções científicas, delimitar que traços ou elementos da língua falada nas localidades mobiliza a estigmatização da língua e de seus falantes. Os dados foram coletados de pesquisas realizadas em Dissertações e Teses a partir do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato (SELLA; AGUILERA, 2009).

Em 2010, Poreli defendeu sua dissertação, *Crenças e atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita -Pr: Um estudo das relações do Português com Línguas em contato*. Essa pesquisa teve como objetivos, “[...] analisar crenças e atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Pranchita sudoeste do Paraná, pretendendo assim, descrever as possíveis crenças e atitudes a respeito da língua portuguesa e as demais variedades étnicas presentes na localidade (italianos, alemães, poloneses e espanhóis), também verificar quais são as crenças dos pranchitenses sobre a Argentina, país fronteiriço, no que se refere a língua espanhola, de analisando a consciência linguística dos informantes e como se posicionam em relação aos vários falares com os quais mantém contato” (PORELI, 2010, p. 13).

A hipótese inicial que motivou esse estudo, foi baseada na perspectiva que “haveria uma crença negativa em relação ao país vizinho e, conseqüentemente, repúdio ao idioma espanhol” (PORELI, 2010, p. 13). De acordo com as descrições de Poreli



(2010), as entrevistas foram realizadas *in loco*, seguindo o método direto de análise (questionários) sob o ponto de vista da Sociolinguística e da Psicologia Social.

Nessa pesquisa, constatou-se, por meio da análise dos materiais coletados que os principais grupos étnicos presentes em Pranchita são italianos, os alemães e os poloneses, com predomínio de descendentes de italianos na região. Segundo as constatações de Poreli (2010), foi possível verificar atitudes positivas em Pranchita quanto ao apreço, aceitação com relação à língua do país vizinho. Durante as análises ficou claro o sentimento dos informantes de pertencimento aos grupos que imigram para o Brasil, em que nenhum dos informantes manteve a língua de origem de seus antepassados, exceto algumas expressões de cumprimentos.

Pastorelli (2011), defendeu a Dissertação *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. A pesquisa foi realizada com o objetivo de “[...] colaborar para um conhecimento mais amplo sobre a realidade linguística no Paraná.” (PASTORELLI, 2011, p. 20). Como base teórica, nessa inquirição, a autora seguiu os pressupostos da Sociolinguística, na perspectiva das crenças e atitudes linguísticas, na tentativa de elucidar a relação entre língua e sociedade no contexto escolhido para realizar seu estudo.

Conforme a pretensão desse trabalho, Pastorelli (2011), definiu o *corpus* em que foi constituído das entrevistas realizadas *in loco* por meio de questionário aberto composto por questões diretas, destinadas à recolha de informações pessoais dos moradores, cujo temas estavam direcionados para a convivência com falantes de outros idiomas, em especial, o espanhol.

Segundo as comprovações de Pastorelli (2010), através das análises dos dados foi possível concluir que, em relação aos argentinos, a maior parte dos capanemenses apresenta uma atitude positiva, tanto no que se refere ao povo argentino propriamente dito, como à sua língua materna, vista de maneira prestigiosa pelos entrevistados. A respeito dos paraguaios, a autora concluiu que “uma quantidade significativa de informantes demonstrou não os ver de maneira positiva, apresentando como justificativa para essa recusa a diferença de cultura, a origem indígena, a baixa tecnologia e



escolaridade, assim como a questão linguística - guarani, jopará” (PASTORELLI, 2011, p. 195).

Segundo Pastorelli (2011), foi exequível considerar nessa construção teórica que o povo alemão é tido como reservado por não demonstrar as emoções, mas responsável em tudo que faz. Diante disso, os informantes capanemenses relataram que consideram o idioma alemão como difícil e esquisito, estranho, de maneira a ser avaliado negativamente. Nesse sentido, foi possível evidenciar que, por acreditarem “[...] que a cultura e a língua italianas sejam próximas da existente no Brasil, devido à ascendência latina, os inquiridos reagem favoravelmente diante dos italianos, povo avaliado pelos capanemenses como alegre e espontâneo.” (PASTORELLI, 2011, p. 06).

Em 2013, Botassini defendeu a tese com o título *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo dos Róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. O objetivo principal dessa investigação foi “Descrever as Crenças e atitudes linguísticas de falantes brasileiros, naturais de diferentes regiões e possuidores de diferentes dialetos, em relação ao uso dos róticos, classe de sons do fonema /r/, registrando e descrevendo as variantes desse fonema que concorrem em posição de coda.” (BOTASSINI, 2013, p. 18). Seguindo os pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e os estudos sobre crenças e atitudes, as hipóteses que nortearam a busca foram comprovadas ao longo do trabalho “[...] os informantes mudam a variante rótica dependendo do grau de formalidade das partes que compõem a entrevista; as mulheres e os informantes com curso superior privilegiam as variantes de maior *status*; o rótico retroflexo apresenta intensa vitalidade, apesar de seu prolapado desprestígio.” (BOTASSINI, 2013, p. 20). Para a obtenção dos dados, foram delimitados 48 informantes, sendo que 16 do norte do Paraná, 16 cariocas e 16 gaúchos, todos residentes no norte do Paraná há pelo menos, oito anos.

Os dados levantados por Botassini (2013) foram obtidos por meio de conversação gravada em conversa dirigida em que há sequência de ordem e conteúdos planejados. “Os resultados estatísticos obtidos e registrados em tabelas e submetidos à análise quantitativa e qualitativa, apontaram como variantes típicas dos dialetos norte-paranaense, carioca e gaúcho, respectivamente, os róticos retroflexo, velar e tepe” (BOTASSINI, 2013, p. 08).



No mesmo ano, 2013, Fenner defendeu a tese intitulada *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do oeste paranaense*, cujo principal objetivo era: “Descrever crenças e atitudes dos falantes das duas comunidades a partir do cotejo dos dados presentes nos corpora do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato.” (FENNER, 2013, p. 16). A autora partiu da hipótese inicial de que, “[...] em Marechal Cândido Rondon, mantém-se um sentimento de que o dialeto do colonizador, descendente de alemães, tem um estatuto de mais prestígio, sentimento este que não se encontra em Guaíra, cuja população é formada por grupos de diversas etnias.” (FENNER, 2013, p. 16).

A estudiosa utilizou em sua pesquisa os princípios da Sociolinguística, bem como da Sociologia da Linguagem e da Psicologia Social, partindo de dados obtidos por meio do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato*, como já mencionado, coordenado por Aguilera (2009), em que foi realizado em localidades fronteiriças ao Paraguai e à Argentina e/ou em localidades com histórico de colonização por imigrantes e descendentes. Para Fenner (2013), a recolha desses dados e análise, se deu mediante ao uso do material colhido por meio do Projeto, o qual constituiu-se de respostas dadas às perguntas dirigidas a 18 informantes de cada localidade, selecionados a partir de três variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade, faixa etária e sexo. Em conformidade com a autora, os resultados obtidos a partir da construção teórica e dos dados coletados foi que, em Marechal Cândido Rondon, “[...] verificou-se a presença de traços linguísticos típicos da fala do colonizador alemão, que mantém as variedades dialetais de origem ou o sotaque característico do português de contato, e constataram-se atitudes contraditórias dos informantes rondonienses com relação à variedade de alemão falada na localidade (prestígio encoberto); em Guaíra, verificou-se aceitação em relação à maioria dos grupos étnicos que compõem a comunidade, especialmente os descendentes de japoneses, e observou-se a existência de significativa interação com falantes de espanhol e de guarani, com predomínio do uso de uma variedade linguística de fronteira – o portunhol – com a finalidade de estabelecer uma comunicação mais compreensível.” (FENNER, 2013, p. 07).



Também em 2013, Corbari defendeu a tese *Atitudes Linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. Corbari (2013), buscou investigar as atitudes linguísticas manifestas por falantes de duas localidades paranaenses: Santo Antônio do Sudoeste, situada na região Sudoeste, na fronteira com a Argentina, e Irati, localizada na região Sudeste, verificando se a situação de línguas em contato gerava atitudes linguísticas diferenciadas nas duas comunidades, por conta de suas realidades sócio-históricas e geográficas distintas.

Partindo desses objetivos, a autora colocou algumas hipóteses para guiar seu trabalho: “[...] ocorre estigmatização das diversas línguas e variedades faladas em ambas as regiões e, por consequência, de seus falantes, criando conflitos linguísticos e identitários em diferentes esferas sociais; ocorre preconceito ou estigmatização em relação ao uso da fala dialetal de herança e da variedade linguística de português com interferências do dialeto de herança pelo próprio grupo étnico, e em relação às variedades dialetais ou à variedade do português com interferência dos respectivos dialetos de outros grupos étnicos; ocorre o prestígio da variedade do português padrão, ou, mais especificamente, da norma culta do português; as atitudes linguísticas se mostram diferentes quando comparados os dois municípios, dado que cada um deles apresenta características geográficas, histórico-culturais e socioeconômicas distintas.” (CORBARI, 2013, p. 16).

Para a coleta de dados foram escolhidos 18 informantes em cada localidade, selecionados de acordo com as variáveis faixa etária, nível de escolaridade e sexo. Corbari (2013), organizou a entrevista composta de um questionário elaborado com base em critérios próprios de pesquisa dessa natureza, adaptados à realidade sociolinguística e cultural das comunidades investigadas, partindo de perguntas específicas para avaliar atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português (e também aos seus falantes) de cada localidade.

Os resultados dessa pesquisa, “[...] indicaram que de modo geral, atitudes positivas (de prestígio) dos informantes em relação às línguas e aos seus falantes em ambas as comunidades. Houve, porém, por parte de uma parcela pequena dos informantes, manifestações de preconceitos fundadas em visões estereotipadas,



culturalmente construídas, ou mediadas por questões identitárias. Diferenças na manifestação de atitudes linguísticas entre uma comunidade e outra, embora pouco significativas, mostraram-se contingenciadas por fatores geográficos e sócio-históricos de constituição das comunidades.” (CORBARI, 2013, p. 06).

Em 2016, Santana defendeu a tese junto à Unioeste, intitulada *O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu*, cujo objetivo principal estava em “Verificar se os operadores argumentativos conectam argumentos que levam a determinada conclusão, encadeiam os argumentos ou são utilizados na constituição de crenças e atitudes linguísticas.” (SANTANA, 2016, p. 11). A autora partiu da hipótese de que existe uma crença negativa em relação ao argentino, que acarreta em repúdio ao espanhol. Em conformidade com a descrição de Santana (2016), a metodologia de sua pesquisa foi pautada na realização de uma análise de cunho qualitativo, em que foram selecionados trechos dos inquéritos produzidos, tabulados e disponibilizados por integrantes do Projeto CAL.

Nesse sentido, seguindo as manifestações de crenças e atitudes linguísticas no contexto escolhido, os inquéritos de Foz do Iguaçu, foi possível apurar como os falantes analisados avaliam aqueles que falam diferente do usual naquele cenário. Para tal, elegeu-se realizar a análise acerca dos trechos de inquéritos em que os elementos “já”, “até” e “então” foram utilizados para demarcar crenças e atitudes.

Os resultados obtidos nessa investigação deram conta de que ao longo da avaliação dos inquéritos, percebeu-se recorrência ao uso de operadores argumentativos, apresentando indícios de crenças e atitudes. Manobras argumentativas realizadas pelos informantes na busca de justificar as escolhas ou de apresentar dados considerados relevantes para a constituição da sua resposta foram considerados como explicação para usos ainda não verificados no *corpus* em questão.

Isso posto, de acordo com as Teses e Dissertações, Poreli (2010), Pastorelli (2011), Botassini (2013), Fenner (2013), Corbari (2013), Lourenço (2015), Santana (2016), as quais partiram da investigação sobre as crenças e atitudes em distintos locais do Sul do Brasil, demonstraram contatos linguísticos dissemelhantes, pesquisas com o intuito de investigar a linguagem contrastando na maioria dos casos duas comunidades,



contatos linguísticos distintos, de maneira a analisar a consciência linguística dos informantes, e como se posicionam frente aos vários falares com os quais mantém contato.

Diante dessas constatações que as pesquisadoras chegaram, notou-se que o contato linguístico determina em muitas situações como a linguagem será utilizada naquele contexto, de maneira que o vernáculo pertencente ao informante pode continuar vigente ou modificar-se com o passar do tempo, ou até mesmo deixar apenas resquícios, adaptando o seu falar de acordo com o grupo que ora passa a integrar-se.


A seguir, apresentamos um quadro abordando as conclusões das pesquisas sobre crenças e atitudes dos falantes mobilizadas por meio do contato linguístico que se mantém devido aos fatores linguísticos ou extralinguísticos pelos quais os informantes são inseridos devido à necessidade advinda da imigração e até mesmo de relacionar-se com outros costumes e crenças.

Tese/dissertação	Crenças e atitudes e a relação do português com línguas em contato	Crenças e atitudes linguísticas: prestígio/estigma
Poreli, (2010) Crenças e atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita -PR: Um estudo das relações do Português com Línguas em contato.	Poreli (2010) constatou através de sua análise que os principais grupos étnicos presentes em Pranchita são os Italianos, os alemães e os poloneses, com predomínio de descendentes de Italiano. De acordo com a autora, também foi possível observar por meio das análises quantitativa e qualitativa, a evidência do sentimento dos informantes de pertencimento em relação aos pioneiros daquela terra, provenientes de outros países e, com isso, uma	Segundo Poreli (2010), por meio do comportamento linguístico dos entrevistados não foi possível encontrar d atitudes estritamente negativas em relação aos falares dentro de Pranchita. “Tais atitudes podem estar ligadas ao componente conativo, defendido por López Morales (1993), ou seja, as tendências de atuar de diferentes formas de acordo com o contexto ao qual está inserido, neste caso, a situação da entrevista. Por outro lado, podem evidenciar crenças e



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 13 • Número 37 • Jun 2022

 <http://dx.doi.org/10.61389/sociodialeto.v13i37.8136>

	noção de pertencimento aos grupos que imigram para o Brasil.	atitudes positivas do povo pranchitense no que se refere aos diferentes povos presentes na localidade” (PORELI, 2010, p. 100).
Pastorelli, (2011) Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato.	Em concordância com o estudo de Pastorelli (2011), partindo do pressuposto de que Capanema faz fronteira com Argentina, foi possível verificar que o português, o espanhol, o italiano e o alemão são línguas utilizadas costumeiramente por grupos de descendente destes povos acima citados, por conviverem no mesmo espaço, por isso, necessitam adequar-se ao falar mais usual. “Em Capanema, os moradores, demonstram interesse em aprender o idioma espanhol falado pelos argentinos, exaltam sua beleza, assim como a importância ligada à região de sua fronteira” (PASTORELLI, 2011, p. 197).	Pastorelli (2011), observou doravante com seu estudo que, os capanemenses mantêm uma atitude positiva em relação aos descendentes de estrangeiros que ali residem, sobretudo, no que se refere ao contato linguístico com os argentinos. “Os capanemenses atribuem prestígio aos alemães, argentinos, italianos, com exceção aos paraguaios, estes são vistos com recusa por diversas razões, tais como origem indígena, a mescla do espanhol com guarani, a educação escolar inferior à brasileira, entre outros (Pastorelli, 2011, p. 197).
Botassini (2013), Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo dos Róticos em coda silábica no Norte do Paraná.	De acordo com a pesquisa de Botassini (2013), foi possível confirmar que há predominância dos róticos na fala dos informantes pautados nas variáveis analisadas, no sentido de que a pesquisa apontou como “variantes típicas dos dialetos norte-paranaense, carioca e gaúcho, respectivamente, os róticos	Assim, com relação a crenças e atitudes no que concerne prestígio/estigma, a autora observou que os informantes norte-paranaenses são mais desleais linguisticamente do que os cariocas e os gaúchos; Botassini (2013), também notou que os informantes escolarizados




	retroflexo, velar e tepe” (BOTASSINI, 2013, p. 08).	são menos preconceituosos, na medida que os sujeitos cariocas e gaúchos apresentam atitudes positivas em relação ao seu próprio dialeto.
Corbari (2013) Atitudes Linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste	Em conformidade com os dados coletados nesta pesquisa, os quais mostraram, “de fato, o prestígio dos argentinos e da variedade falada por eles, porém revelaram também mais avaliações negativas em relação ao português informal e/ou de contato do que as constatadas em Irati, ainda que se trate de prestígio encoberto. As identidades são construídas na especificidade dos modos de convívio entre vários grupos, entre várias gerações” (CORBARI, 2013, p. 244).	Diante disso, os resultados desta inquirição, apontaram que, a maioria dos informantes demonstram atitudes positivas (de prestígio) em relação às línguas e aos seus falantes, atitude observada nas duas localidades. Corbari (2013), constatou em sua análise que ocorreu em uma pequena parcela da fala dos participantes manifestações de preconceitos, estas motivadas em visões estereotipadas e que se pressupõe que foram culturalmente construídas, ou mediadas por questões identitárias.
Fenner (2013), Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do oeste paranaense.	Foi possível presumir nas comunidades sob estudo, cenários típicos de línguas em contato com o português em que os dados apontaram, por exemplo, “a presença de certos traços linguísticos típicos da fala dos colonizadores da região, oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina – especialmente do grupo alemão, que mantém as variedades	A partir desta recolha de dados e posterior análise a autora inqueriu que entre os espaços de circulação social, como cultos religiosos, comércio, festas típicas etc. cooperam para acionar algumas atitudes positivas ou negativas com relação às variedades faladas pelos colonizadores ou pelos argentinos e paraguaios que habitam nesta região a qual faz



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 13 • Número 37 • Jun 2022

 <http://dx.doi.org/10.61389/sociodialeto.v13i37.8136>

	<p>dialetais de origem ou mesmo o sotaque característico do português de contato, como mencionado por muitos informantes –, além das variedades faladas por grupos que migraram de outras regiões do Brasil e de outros países (como os japoneses e os árabes, por exemplo) para o Oeste Paranaense em busca de trabalho” (FENNER, 2013, p. 251)</p>	<p>fronteira com outras comunidades.</p>
<p>Lourenço (2015), Crenças e atitudes linguísticas: tendência de reação de falantes Curitibanos e Londrinenses</p>	<p>Seguindo a analogia e estudo de Lourenço (2015) as avaliações positivas foram relativamente direcionadas ao dialeto curitibano se comparadas ao londrinense, tanto por parte dos julgadores de Curitiba, quanto de Londrina. Diante disso, foi possível, verificar que os informantes com escolaridade de nível fundamental atribuem mais prestígio aos falares que os de nível médio ou superior.</p>	<p>A partir dos resultados obtidos por Lourenço (2015), a pesquisadora deduziu que as avaliações positivas foram mais frequentes que as avaliações negativas e as não respostas juntas, indicando que os informantes avaliados tendem a reagir mais positivamente aos dialetos.</p> <p>À vista disso, interpreta-se que a atribuição de maior prestígio ao falar curitibano, se faz mediante ao <i>status</i> social mais elevado que a capital apresenta em comparação ao londrinense.</p> <p>“A atribuição de maior prestígio ao falar cotidiano é decorrente do <i>status</i> social mais elevado que a capital apresenta em comparação a um município do interior. Isso ocorre porque o prestígio</p>



		linguístico é estritamente vinculado ao status social” (LOURENÇO, 2015, p. 79).
Santana (2016), O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu.	<p>Santana apoiada na proposta inicial, cuja intuição estava em discutir teoricamente a questão das crenças e atitudes linguísticas, relacionando-a ao uso de operadores argumentativos para posterior análise, assim, foi possível identificar como essas áreas podem se complementar e apresentar resultados que “demarcam a existência de elementos que são acionados em uma construção comum e com significado similar para informantes distintos” (SANTANA, 2016, p. 113).</p> <p>Assim as considerações da estudiosa remetendo a um panorama geral de sua pesquisa, nos deixa claro que: “Embora se trate de uma tese realizada a partir da seleção de operadores específicos e de terem sido descartados enunciados em que os mesmos itens lexicais aparecem, mas com função diferente, foi possível estabelecer um panorama sobre a realidade sociolinguística em termos de crenças e atitudes dos informantes inquiridos por meio do Projeto CAL na</p>	Neste trabalho, foi possível confirmar a hipótese inicial levantada pela pesquisadora, “tendo em vista que o desvendamento das crenças e atitudes introduzidas por esses operadores apontaram para a existência de preconceito dos informantes com relação a determinada língua ou falante” (SANTANA, 2016, p. 111).

	cidade de Foz do Iguaçu” (SANTANA,2016, p. 107).	
--	---	--

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas não são recentes, essas pesquisas têm apontado pistas para a Sociolinguística na compreensão de questões que podem estar relacionadas a determinadas atitudes linguísticas manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala. Nesse sentido, é necessário compreender o comportamento humano, bem como a linguagem utilizada pelo mesmo, ligada a diversos fatores inerentes às mudanças da língua, que ocorrem no tempo e espaço.

Diante disso, investigar os fenômenos linguísticos pode ser tarefa complexa, pois os fatores que condicionam essas ações resultam da interação entre diversos aspectos, tais como personalidade, cultura, experiências pessoais e até mesmo o contato linguístico que o sujeito inter-relacionou-se para formação de seu léxico ao longo do tempo, dentre outros aspectos que são importantes para a formação da linguagem bem como, das crenças e atitudes que são construídas pelos sujeitos.

As pesquisas sobre crenças e atitudes buscam compreender como a língua está funcionando na comunidade, verificando os fatores que condicionam os comportamentos linguísticos, que ora podem ser positivos ou negativos, leais ou desleais, estereotipados ou não, a depender do contato linguístico ao qual o grupo está ou esteve associado. À vista disso, compreendemos que estudar essa área é um tanto complexo, e só podemos alcançar resultados concretos com estudo e análise da realidade sócio-histórica da comunidade, pois a língua se modifica, altera-se e concomitantemente são construídas as crenças e atitudes linguísticas, retomando as constatações de Lambert e Lambert (1966) desenvolvemos nossas atitudes a partir da necessidade de ajustamento social. Assim, os pensamentos que mobilizamos a partir do que observamos na sociedade, dos acontecimentos daquele meio social, embasam a manifestação de nossas crenças e sentimentos e nos auxiliam no processo de integração.



Diante das considerações apresentadas, foi possível perceber com esse estudo que o contato linguístico determina como a linguagem será utilizada naquele contexto, bem como a motivação das crenças e atitudes. Como em Poreli (2010), a autora observou a partir dos resultados obtidos que nenhum dos informantes manteve a língua de origem em sua totalidade, exceto algumas expressões e cumprimentos. Para Pastorelli (2011), a língua materna dos informantes é vista de maneira “prestigiosa”, ou seja, apesar de distintos contatos linguísticos procuram manter o dialeto de origem adaptando-se ao cotidiano de acordo com as demandas das relações sociais. Em conformidade com as recolhas de Botassini (2013) e Fenner (2013), também foi possível constatar que os informantes apresentam atitude positiva em relação a seu próprio dialeto, respondendo de forma positiva ao contato linguístico, pois buscam se adaptar a esse falar.

Corbari (2013), em seus resultados, observou que não houve estigmatização por meio do contato linguístico, porém um elemento considerável foi a identidade do falante que apresentou algumas influências em uma pequena parcela dos informantes. Dessa forma, foi possível verificar diferenças na manifestação de atitudes linguísticas entre uma comunidade e outra, “[...] embora pouco significativas, mostraram-se contingenciadas por fatores geográficos e sócio-históricos de constituição das comunidades” (CORBARI, 2013, p. 06).

Para Lourenço (2015), considerando sua recolha de dados e análise, foi possível compreender que ocorreram mais reações positivas com relação ao dialeto curitibano e/ou londrinense. A pesquisadora observou que mulheres se posicionam mais que homens ao fazer julgamentos e reagem de forma mais positiva frente às diferenças, dependendo do contexto em que estão inseridas, bem como o lugar que ocupam socialmente, dependendo que são mais dispostas a acompanharem as variações linguísticas que decorrem na comunidade.

Para finalizar esta discussão teórica, que pode corroborar em outros estudos, observamos que a estigmatização de certas variedades está ligada aos sujeitos, à medida que não compreendem que a língua é heterogênea, e, por isso, passível de apresentar variantes, uma vez que os sujeitos nem sempre aceitam a linguagem do outro, mantendo o seu



dialeto por considerar que este é “correto”, sem refletir acerca das distintas formas que a língua pode apresentar e produzir sentido para seu grupo.

Desse modo, como defendem Aguilera (2008) e Botassini (2013), a estigmatização da língua está mais ligada aos informantes, pois na maioria das vezes, o enunciado que é considerado de maior prestígio está para os que ocupam lugar de *status* na sociedade, em que a linguagem vista como padrão é utilizada pelos grupos dominantes. Assim, a convivência e/ou o conflito entre as variantes linguísticas são, muitas vezes, mobilizados pelas crenças e atitudes dos seus falantes.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes linguísticas**: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 37 (2): 105-112, maio ago. 2008.

AGUILERA-SILVA, Vanderci de Andrade- Helen Cristina da. **O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas**. 2014. Artigo (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e Atitudes Linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. Artigo (Revista Línguas & Letras), v.12, no 22, p. 65-84, 2010.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e Atitudes Linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná. 2013. 227f; Tese (Doutorado em estudos da Linguagem) -Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CORBARI, Clarice Cristina. **Atitudes Linguísticas**: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. 2013; Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador.

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Tradução Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

FENNER, Any Lamb. **Crenças e Atitudes Linguísticas**: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste do Paraná.2013. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.



LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar editors, 1966.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LOURENÇO, Dayse de Souza. **Crenças e atitudes linguísticas: tendências de reação de Curitibanos e Londrinenses**. 2015. 109 f; Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 3ª ed. Madrid: Gredos, 2004.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

SANTANA, Vanessa Raini de. **O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu**. 2016. 121 f; Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel.

SILVA-PORELI, Greize Alves da. **Crenças e atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita -Pr**: Um estudo das relações do Português com Línguas em contato. 2010. 114f.; Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina.

PASTORELLI, Daniele Silva. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema**: um estudo da relação do português com línguas em contato. 2011. 205 f.; Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina.

Recebido em: 12/10/2021 | Aprovado em: 26/07/2022.
